

MOISÉS, Massaud — **Temas Brasileiros**. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1964, 142 pp.

O A. reuniu e agora aparecem em livro alguns ensaios e artigos, publicados desde 1957 e versando sobre autores e problemas literários brasileiros.

Não obstante a diversidade dos temas, abordados com maior ou menor fôlego, o sentido crítico da obra e a finalidade de propósitos a colocam numa área de indiscutível unidade, difícil de se conseguir numa reunião de trabalhos desta ordem.

As idéias fundamentais da coleção prendem-se a duas figuras exponenciais de toda a trajetória da Literatura Brasileira: Machado de Assis e o poeta Cruz e Sousa.

Ao primeiro M. M. dedica três ensaios: "Ressurreição e Permanência", «Machado de Assis e o Realismo» e «O Romance de Machado de Assis».

Sua importância reside em três pontos básicos: primeiramente, o estabelecimento do processo evolutivo dentro da obra romancística machadiana. Procura-se demonstrar que as chamadas fases romântica e realista do autor de **Ressurreição**, não podem ser aceitas como separarações estanques e, só servem a uma função esquematizadora exigida pela didática da literatura.

Em segundo lugar, importa ver o estudo do realismo interior, como a melhor tendência do espírito de Machado de Assis e que realmente condiz com o mais expressivo de sua obra. Finalmente, o estudo propriamente crítico-literário, daquilo que foi sugestão dos romances chamados românticos para a elaboração das obras realistas.

O A. assinala e exemplifica que certos ingredientes e expedientes da segunda fase do romancista encontram-se embutidos na primeira, permanecendo e ressurgindo dentro deste processo evolutivo.

Afirma M. M., a certa altura:

"A crítica tem sido levada a afastar tal idéia em favor de qualquer coisa como unidade e continuidade.

Quer dizer, entre os romances "românticos" (*Resurreição*, *Iaiá Garcia*, *A Mão e a Luva*, *Helena*) e os "realistas" (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Esaú e Jacó*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Memorial de Aires*), apesar de o rótulo dizer o contrário, não há separação fundamental.

As diferenças são de gradação, de intenção, no geral, e não de outra ordem, porquanto nem os primeiros se explicam apenas pela estética romântica nem os demais seriam entendidos perfeitamente se fôsem enquadrados no Realismo" (p. 11).

Ainda aqui, M. M. esclarece dois pontos importantes, com vistas à obra machadiana: de princípio assevera que, do grande escritor, e realmente o foi Machado de Assis, sempre há coisas que pensar e repensar para o leitor e o crítico, enfim, que o grande artista sempre oferece novas facêtas para estudo, é inesgotável.

Logo em seguida, assinalando as características específicas do realismo interior (a melhor tendência do romance machadiano), comprova que dele resultarão duas correntes importantíssimas na Literatura Brasileira, o Simbolismo e o romance moderno.

Conclui que, somente este tipo de realismo (o interior, de Machado), por trazer no bojo elementos universais, permaneceu, ao contrário do realismo exterior de um Aluísio Azevedo, que desapareceu quando passou a época que lhe dava atualidade e validade.

O terceiro ensaio, "O Romance de Machado de Assis" é um alargamento e aprofundamento do primeiro, na exemplificação do processo de unidade e continuidade no romance machadiano, ao mesmo tempo que insiste na universidade, marcada especialmente pelos símbolos literários, por exemplo, *Capitu* e *Bentinho* em *Dom Casmurro*.

Nos estudos dedicados a Cruz e Sousa, colocando inicialmente o autor de *Faróis* no rol dos gênios, o A. parte para a apreciação da trajetória literária no poeta. Assinala que, partindo de uma poesia com certa personalidade, aprofunda a pesquisa interna e chega a uma expressão universal dos problemas, que o eleva à categoria de grande poeta.

No segundo trabalho acêrca de Cruz e Souza, estuda o A. detidamente as relações com o Parnasianismo, que realmente o poeta aceitou em parte na sua carreira (especialmente em certo tom romântico e nos processos de apuramento formal).

No terceiro, intitulado «Cruz e Souza e a Angústia da Cór», a nosso ver o mais importante, como esciarcimento de umas tantas dúvidas. M. M. procura refutar algumas idéias, especialmente de Roger Bastide, que tenta explicar a poesia tendo por base o fato de o poeta pertencer à raça negra.

Lembra, em dado momento, o ensaísta:

«A sedução da psicanálise, como uma espécie de superstição do mundo moderno, ou de primitiva mística encantada defronte dos incógnitos que pairam além dos fenômenos da natureza, — acabou por encontrar guarida nos arraiais literários. Não se lhe negue validade, mas daí a tirar conclusões acêrca de presuntivas manifestações neuróticas no comportamento de determinados escritores, é que parece demasiado apressado e precário. Como achega, e assim mesmo, mais como hipótese inverificável, como achega portanto, pode aceitar-se a crítica psicológica ou psicanalítica”.

(p. 61).

Nota-se a preocupação constante do A. de separar o que é estritamente artístico, literário, daquilo que constitui elemento de ordem biográfica ou psicanalítica e que muito pouco tem a ver com a obra literária.

Aliás, esta atitude exigente através de levantamento crítico, encontra-se presente em todos os ensaios na coletânea, por exemplo, no trabalho acêrca de *Os Velhos Marinheiros*, de Jorge Amado, onde M. M. chama a atenção para o aprimoramento literário e o abandono daquilo que distorce a ficção: a militância político-social no romance.

Portanto ainda aqui o A. procura dirimir dúvidas quanto a problemas da criação literária.

Abrindo um perêntese nestas considerações, é preciso notar que parece ser uma das maiores virtudes dêstes ensaios, e que concorre para a consubstanciação de sua unidade, a tendência do espirito de M. M. de colocar os elementos em seu devido lugar, através de criteriosa análise crítica. É o que acontece com o estudo a respeito de Graça Aranha, onde o A. procura separar o romancista do escritor, aquêle que sabe realizar ficção, suprarrealidade, daquele que é apenas estilista, mostrando que são atitudes completamente distintas. O mesmo ocorre com o trabalho a pro-

pósito de Clarice Lispector, estudada em seu livro de contos **Laços de Família**, onde num confronto com a obra romancística de grande valor, M. M. estuda rigorosamente a construção da narrativa curta.

É certo que muitas vezes o crítico sacrifica um pouco as idéias em torno do texto em si, para preocupar-se com a problemática das tendências e das formas literárias em que se inscrevem os temas dos ensaios.

Parece paradoxal, mas a exigência aguda do crítico, às vezes, o lança da atenção para com a obra em si, para a periferia nesta, muitas vezes num processo inconsciente. Não é exatamente o que acontece aqui, contudo, uma coisa está evidente: em **Temas Brasileiros**, o teórico da literatura levou a palma ao crítico literário, não obstante este esteja presente nos ensaios. A nosso ver isto não constitui qualquer senão, nestes estudos, em muito boa hora lançados ao público.

Concluindo, mais algumas observações. Não concordamos inteiramente com o que M. M. expressa na introdução quando diz que reuniu alguns ensaios, porque muitos dos trabalhos constituem-se em simples artigos, não só pelo reduzido nas páginas (distinção meramente formal e de restrito valor), mas por não terem aquêlê sentido de interpretação exaustiva dos trabalhos dedicados a Machado de Assis e Cruz e Sousa. Quanto à figura dêste poeta, não partilhamos inteiramente com a afirmação em certo trecho quando diz:

«Realizara o melhor de sua obra, tão grande que permite considerá-lo dos maiores poetas (senão o maior) da Literatura Brasileira.» (p. 54).

Discordamos com que seja o maior, porque dentro do Modernismo, como problemática humana e universal, Carlos Drummond de Andrade supera o auto de **Broquéis**.

No mais, um trabalho de valor esta coleção de ensaios, que atesta também a exigente e criteriosa preocupação de M. M. para com a Literatura Brasileira, seus autores e temas.

JOÃO DECIO